

Museu como espaço de investigação: da pesquisa a formação

The museum as investigation space: the research and formation

Suzana Cesar Gouveia Fernandes¹

Resumo

Em agosto de 2008 a elaboração do Plano Museológico do Museu Histórico do Instituto Butantan completa três anos. Sua elaboração norteou a criação de uma política interna direcionada às áreas de comunicação, acervo, armazenamento e manutenção dos espaços de trabalho. Ofereceu também condições para a formação de uma equipe crítica, disposta a avaliar continuamente sua participação no Plano, repensando e discutindo a inserção do Museu frente à necessidade do Instituto em, através da pesquisa em história, refletir sobre as escolhas feitas durante sua trajetória. Este artigo é uma avaliação deste momento, e uma oportunidade de rever algumas questões que parecem cruciais, já que é preciso superar uma série de vícios e dúvidas a respeito do significado da pesquisa histórica no Instituto Butantan. Hoje, já é possível fazer um balanço das decisões feitas e dos resultados alcançados no sentido de tornar o Plano um instrumento de trabalho dinâmico e coerente com as novas necessidades do Museu Histórico.

Palavras-chave: museu histórico, plano museológico, acervo, comunicação.

Abstract

In August of 2008 complete three years the Museum Plan of the Historical Museum of the Butantan Institute. After the creation of the Plan was developed one directed internal politics to the following areas: communication, collection, storage and maintenance of the work spaces. This politics also resulted in the formation of a

¹ Pesquisadora nível II do Museu Histórico e do Laboratório Especial de História da Ciência do Instituto Butantan e aluna de doutorado na FFLCH /USP. suzana@butantan.gov.br

critical team made use continuously to evaluate its participation in the Plan. This team argued and rethink on the insertion of the Museum in the Institute and on the choices made during its trajectory, through the historical research. This article is an evaluation of this moment, and a chance to review some questions that seem crucial to surpass a series of vices and doubts regarding the meaning of the historical research in the Butantan Institute. Already it is possible to reflect on the taken decisions and the reached results to become the Plan an instrument of dynamic and coherent work with the new necessities of the Historical Museum.

Key-Words: *historical museum, Museum Plan, collection, communication*

Introdução

No artigo *A problemática da identidade cultural nos museus: de objeto (de ação) a objeto (de conhecimento)*, Meneses (1993:214) pondera:

“O museu local/regional seria aquele em que os processos de identidade encontrariam o espaço mais aceitável de expansão. (...) Daí o perigo de tais museus exercerem papéis compensatórios de refúgio para simbolicamente ‘recuperarem’ uma unidade perdida ou (o que é pior) de espelhos em que narcisisticamente se procure a devolução da imagem que já tinha sido atribuída a si própria – e que agora retorna sedutora, pronta a se transformar num termômetro com o qual se mede (etnocentricamente) toda realidade”.

Para os profissionais que trabalham em museu regionais, como é o caso do Museu Histórico do Instituto Butantan, esta afirmação é tão verdadeira como também é para qualquer outra instituição de amplitude regional ou nacional. Em qualquer um dos casos a busca de uma identidade só é relevante, pois, acima de tudo, faz parte da própria sociedade. A analogia, o igual e o idêntico na sociedade é o que é caracterizado como identidade, mas é também o que impede que aceitemos as diferenças. Assim como acontece nos museus, no dilema expresso acima: por que e como representar a identidade de um museu, se sua principal função se resume na valorização e inclusão dos opostos?

Para a equipe do Museu Histórico² esta foi uma primeira questão a ser respondida, pois era preciso saber qual a identidade que havia sido cunhada ao longo do tempo no Museu, para depois promover o diálogo com diferentes realidades. Iniciou-se o trabalho com uma pesquisa feita em 2004 sobre a relação entre o público e a exposição de longa duração³, seguida de um levantamento diagnóstico da situação do acervo histórico do Instituto Butantan. Na ocasião, acreditamos que só seria possível compreender o que o Museu representava para a Instituição e para o público visitante (o que podemos chamar novamente de identidade) através da pesquisa sistemática em acervo – conhecimento científico – e com a implementação da monitoria como forma de comunicação – ensino e formação.

O resultado já era esperado. Sem um projeto expositivo que incluísse atividades de ensino e investigação, o visitante pouco sabia do Museu e conseqüentemente, pouco se interessava. Quase que a totalidade dos visitantes abordados nunca havia visitado o Museu e nem sabia de sua existência. Compreensivamente poucos arriscaram a opinar sobre a sua relevância para o Butantan. No entanto, o que nos surpreendeu foi o resultado de pesquisa similar feita com os servidores da própria instituição. Coletamos, ao final, informações muito parecidas, já que muitos deles não conheciam o Museu e não sabiam nada sobre a exposição, apesar de saberem de sua existência.

Mas havia um ponto de afinidade que parecia importante, apesar de não nos chamar a atenção em um primeiro momento. Quase

² A equipe de trabalho do Museu Histórico é composta pelos funcionários de carreira e educadores - monitores contratados pela Fundação Butantan. Atualmente fazem parte desta equipe: Suzana Cesar Gouveia Fernandes (Chefe da Seção), Alexandre Eduardo dos Santos, Antonio Bento Novaes, Eunice Rosa Ribeiro e Meire Aparecida Dias (Funcionários), Rodrigo Callegari Santos (Fundação Butantan – Programa de Aperfeiçoamento Multi-Pedagógico), Alberto Iszlaji Jr., Aline Solosando, Amanda Campos de Freitas, Bianca Adami Romero, Edward Dapor Rodrigues e Flávia Andréa Machado Rodrigues (educadores - monitores).

³ O resultado da pesquisa foi apresentado na VI Reunião Científica Anual do Instituto Butantan, com resumo publicado no *Memórias do Instituto Butantan*, vol. 61, fev. 2005.

que 75% dos entrevistados achavam que o espaço servia para atividades culturais diversas, institucionais ou não. É possível fazer uma série de conjecturas a este respeito, principalmente ao avaliar a primeira sala de exposição, cujo espaço amplo e livre oferece boas condições para as mais diferentes atividades de integração. No entanto, a resposta era mais óbvia. A exposição de longa duração, inaugurada em 1981, não tinha sido repensada até aquele momento, mas isso não significou a ruptura com o público. Pelo contrário, o Museu era palco de um número significativo de exposições temporárias, saraus e reuniões⁴. A exposição não era conhecida, mas o espaço era reconhecidamente um local próprio para a realização de eventos.

Não é nossa intenção, neste momento, discutir as várias formas de apropriação dos espaços educativos destinados à coletividade, mas fica claro que o Museu ampliou suas ações, estendendo seu formato original tradicional, ultrapassando o que poderia ser considerado seu limite ao abraçar outras formas de expressão. O que nos interessa aqui é discutir sua inserção na Instituição: seria essa a identidade que procuramos? Ao que parece a resposta é afirmativa, pois a maior parte dos servidores que já freqüentavam o Museu, o fazem ainda com a mesma intenção de antes: participar de atividades de lazer e cultural abertas ao público.

De qualquer forma, se a intenção era entender o significado do Museu para o Butantan, envolvendo os servidores nas atividades e tornando-os responsáveis pela memória institucional, era preciso dar continuidade a esta proposta, não romper com esta identidade. Mas, também era preciso avançar e não, como sugere Meneses (1993), cair na armadilha de ‘narcisisticamente’ manter a sua imagem simbólica intacta.

Este artigo tem por objetivo discutir os momentos e as implicações decorrentes da criação de um Plano Museológico para o Mu-

⁴ Ver Canter, H.M. – Museu Histórico: origem e memória, *Cadernos de História da Ciência*, I Ciclo e Seminários – História e Memória Institucional, vol. 1, no. 1, jan/jun, 2005.

seu Histórico do Instituto Butantan, bem como a criação de formas de inclusão do acervo a projetos de pesquisa e culturais, resultado de seu uso pela comunidade interna e científica. Na primeira parte discute-se as implicações iniciais do Plano no que diz respeito ao significado da relação estabelecida entre a comunicação da exposição e o público, e a importância da investigação científica garantida pela acessibilidade ao acervo. Os arquivos e a relevância que adquirem para a história e recuperação da identidade da instituição são discutidos posteriormente no âmbito do ensino e da formação na medida em que se tornam fontes históricas. Ainda é feito um breve relato sobre as formas de organização do acervo utilizadas durante essa primeira fase de implementação do Plano. Por fim, este artigo ao recuperar as etapas de implementação do Plano museológico, constitui em espaços de reflexão para atuações futuras.

I. A criação do Plano Museológico: princípios norteadores

Ao final de 2004, ao mesmo tempo em que teve início a criação de uma política interna voltada à administração do Museu, servindo de base para a preparação do Plano Museológico⁵, foram inauguradas as primeiras linhas de pesquisa voltadas ao acervo e iniciada a monitoria em tempo integral. Partimos do princípio de que qualquer museu só comunica e expõe o que faz parte de seu acervo. É ele que lhe confere particularidade e que o diferencia de qualquer outro. Portanto a identidade de um museu não se resume ao seu modelo comunicativo expositivo e à recepção, mas ao entendimento que diferentes acervos justificam diferentes formas de expor e comunicar.

Guiadas pelos referenciais do Plano Museológico, a equipe de monitores e colaboradores, composta de pesquisadores e estagiários da Divisão de Desenvolvimento Cultural e Laboratório Especial de História da Ciência, se voltou à pesquisa documental, formulando

⁵ Para a realização do Plano Museológico, utilizamos o modelo da série Roteiros Práticos da Editora da Universidade de São Paulo, publicados com base nos originais do The Council for Museums, Archive and Libraries e direcionados a profissionais da área de museologia.

também ações direcionadas ao exercício de alguns dos princípios básicos da museografia: aquisição, salvaguarda, empréstimo, reprodução, segurança e conservação de acervo.

Na prática tais ações podem ser divididas em duas frentes: a primeira delas relacionada à catalogação, indexação e salvaguarda do acervo e a segunda voltada para a acessibilidade à informação com a intenção em promover a investigação científica.

Entre o objeto e o espaço: o público como pesquisador

Começamos pela acessibilidade à informação. Qualquer pessoa interessada tem o direito de ter acesso à totalidade dos acervos públicos e essa é uma das responsabilidades dos museus, como também é a comunicação e a preservação desse patrimônio. O museu, como espaço voltado ao ensino, tem a obrigação de tornar público as mais diferentes formas de inserção entre a pesquisa e o visitante. A atuação dos profissionais de museus é, portanto, circunscrita a uma área em que o ensino e a formação interagem com a investigação científica (Ramos, 2004). Atrair o visitante para pensar sobre as pesquisas em museus, que podem ser traduzidas ou não, adquirindo, grande parte das vezes, caráter eminentemente prático, torna os museus centros estimuladores e sensibilizadores.

Mas, se a investigação científica, no seu sentido mais amplo, deve ser garantida, sabemos que nem sempre é o que acontece em detrimento da supervalorização da comunicação na exposição como único espaço onde o saber científico do museu se manifesta.

Segundo Chagas (1990) o objeto principal de investigação está no interior da exposição do museu e pode ser descrito como sendo a relação direta do contato do homem com um bem cultural em um espaço delimitado. Este espaço, visto como um cenário integra esta relação sujeito/objeto e é, portanto, fundamental. Para o autor a pesquisa em acervo, desvinculada de sua relação direta com o público, reduz o caráter indagativo dos museus. Coloca-se contra a visão de que os bens sociais, vistos como patrimônio, são os objetos centrais da museologia.

Chagas é um dos mais importantes museólogos teóricos e sua abordagem é uma digressão sobre a relação, anteriormente desenvolvida por Waldisa Russio C. Guarnieri, entre o homem, o objeto e o espaço. Para ela esta é uma relação processual que ultrapassa os limites da teoria quando se adapta a diferentes realidades sócio-culturais e projetos de museus. Atualmente é essa visão que traduz para o público o conceito sobre o que é a museologia. Mesmo assim, é preciso lembrar que não há um consenso sobre qual o objeto de estudo da museologia, gerando certa confusão que parece persistir até os dias de hoje: Chagas não se coloca contra a pesquisa dos bens culturais, pelo contrário, para ele os bens culturais representam um dos pilares do conhecimento em museologia. Apesar disso, como não discute a fundo o fenômeno de apropriação social que este bem cultural carrega, antes mesmo de ser escolhido para uma exposição, reduz seu significado. Esta carga social confere ao bem cultural uma importância muito maior, o que significa dizer que a *história* deste bem cultural não se resume à sua exposição e apropriação pública. Ao contrário, sua exposição é apenas o resultado dessa carga ao qual o homem, e, portanto também os profissionais de museus, não estão imunes (Meneses, 1983; Bucaille & Pesez, 1993). Nesta mesma linha, Julião (2006), crítica as abordagens reducionistas que resultam no empobrecimento dos processos comunicativos, tendo em vista a ausência do caráter público das pesquisas realizadas nos ‘bastidores’, sugerindo que, na relação sujeito/objeto, também faz parte todos que de alguma forma tiveram contato com aquele bem social, garantindo sua preservação⁶.

Sendo assim, acrescentaria também ao objeto de investigação dos profissionais de museus, a dimensão que está por trás da relação público/exposição, já que é aí que esta relação começa a ser construída e não propriamente no momento em que o público visita este

⁶ Essa proposição é particularmente válida no caso dos objetos tridimensionais e imagens que chegam aos museus. Mas também é muito discutida no caso de exposições com animais vivos, já que aí a relação homem / animal é mediada por uma ética que implica em um tratamento diferenciado dos acervos.

espaço delimitado. Para a equipe do Museu Histórico, esta postura significou, em um primeiro momento, abdicar de projetos direcionados a exposição para se dedicar aos bens culturais do acervo que fazem ou que podem fazer parte de exposições futuras. Como visto anteriormente, a pesquisa sobre a relação entre o espaço expositivo e o visitante também estava sendo feita, por ser outra dimensão que para nós era vista como complementar.

Na verdade o que o debate entre os vários modelos de investigação museológica acaba sugerindo é que o acesso ao acervo garante a investigação científica de parte importante da pesquisa museal, dinamizando e ampliando a comunicação expositiva. Além disso, inclui o público na dinâmica de seleção e conceituação dos arquivos públicos, tornando-os responsáveis por garantir a visibilidade do patrimônio cultural por ele preservado. Voltamos para o mesmo princípio expresso anteriormente: a acessibilidade à informação tem dois lados cuja importância é equivalente. O primeiro deles diz respeito ao fato de que precisa ser pensada como campo da museologia dedicada à formação e investigação dos profissionais que trabalham nos museus, mas, em segundo lugar, é também dedicada a investigação e ensino da comunidade no geral. Para os primeiros a pesquisa tem como pano de fundo a premissa de que qualquer instituição museológica é responsável pelo seu acervo e dele dependem todas as atividades comunicativas e educativas que provém desta relação. Como fim, a pesquisa deve ser responsável pela criação de um sistema de métodos que possibilitem o levantamento de qualquer informação sobre o acervo, incluindo informações particulares dos suportes dos documentos, as relações entre esses documentos e sobre a história da própria instituição (Cândido, 2006).

Antes de entrar nesta segunda frente de atuação, responsável pela catalogação, indexação e salvaguarda, é importante ressaltar que mesmo quando o Museu não é solicitado a prestar serviço de atendimento relativo à investigação de seu patrimônio, esta é uma

necessidade que se faz presente na medida em que a acessibilidade diz respeito à organização de formas práticas e responsáveis de consulta. O desenvolvimento destas práticas pode ser direcionado ao público escolar, por exemplo, como é comum nos acervos arquivísticos e bibliotecas, mas também é uma forma de sistematizar e organizar o acesso da própria equipe de trabalho.

II. O Museu prestador de serviço – a sistemática da pesquisa

O Museu Histórico hoje atende em média de três a quatro solicitações semanais para a consulta de seu acervo. Estas consultas chegam por telefone, carta, e-mail e pessoalmente, e são feitas por pesquisadores do próprio Instituto e de outras instituições, estudantes do ensino fundamental, graduação e pós-graduação de diversas instituições educativas de São Paulo e de outros estados, principalmente da região sudeste, por professores da rede pública de São Paulo, por antigos funcionários ou seus familiares, por familiares de pessoas que se relacionaram de alguma forma com a instituição (antigos prestadores de serviços, fornecedores, visitantes, etc) e pela imprensa. Os assuntos solicitados versam sobre os mais diversos temas relacionados à história institucional, desde a sua fundação e de Vital Brazil, até sobre outros personagens da história da instituição, da relação Butantan e bairro (urbanização e troca de terreno para a criação da Universidade de São Paulo), das edificações, das seções criadas e incorporadas (Instituto de Veterinária, trajetória de algumas seções como, por exemplo, a Fisiopatologia, a Herpetologia e o Hospital Vital Brazil) e dos serviços prestados (qualidade do soro, índices de produção, medicamentos desenvolvidos, etc).

Devido à disparidade de temas abordados e quantidade de funcionários, nem sempre é possível responder a todos no prazo solicitado e com a qualidade desejada. Mesmo com a alternativa oferecida aos solicitantes de pesquisarem, eles próprios, o acervo, nem sempre o convite é aceito, parte por falta de condições financeiras, de tempo ou devido ao desconhecimento sobre as práticas de con-

sulta. Esta postura coloca-os como público que deve receber este serviço da instituição museal. No entanto, o serviço de atendimento não é estatutário de grande parte dos museus, mas sim a acessibilidade ao acervo, da forma como estamos abordando aqui.

No geral, esta é uma questão que todo museu, em especial museus de história, se deparam no decorrer de sua trajetória. No caso do Museu Histórico esta questão tem ainda um agravante na medida em que o acervo incorporou algumas coleções que são consultadas tradicionalmente por outros profissionais da Instituição⁷, forçando-nos a prestar este serviço, evitando o distanciamento com a comunidade interna e uma atitude que certamente seria antipática.

Existem algumas alternativas para a solução do problema da acessibilidade à informação, sendo que uma delas é a criação de centros de memória, vinculados aos museus. Tais centros trariam estrutura física, equipamentos e profissionais treinados para o atendimento ao público, seja ele feito a distância ou por meio da consulta. Recentemente temos nos dedicado a imprimir determinadas normas de consulta, evitando o manuseio inadequado destes acervos únicos e frágeis, além de oferecer acompanhamento profissional, garantindo a segurança das coleções mais consultadas (textuais e iconográficas). Mesmo não se configurando como um centro de memória, atualmente a equipe do Museu tem discutido as normas mais utilizadas para este fim. Em 2009 devem ser divulgadas tais normas, abrindo a oportunidade para pesquisas agendadas e sistematizando o manuseio seguro dos documentos, antecipando as discussões sobre este tipo de serviço que necessariamente precisa ser repensado pela Instituição.

O estímulo à pesquisa e seu caráter formador

Recentemente ao ser transferido do Prédio da Biblioteca para a Casa Vital Brazil, atrelado ao Laboratório Especial de Histó-

⁷ Em acordo com a Divisão de Desenvolvimento Cultural, aos poucos o Museu Histórico tem incorporado determinadas coleções do acervo histórico institucional, como os Relatórios Anuais e as Memórias do Instituto Butantan (originais).

ria da Ciência, o acervo passou por profundas transformações. A principal delas é que tornou o acesso mais simples e organizado, permitindo a reprodução em outras mídias no caso dos documentos iconográficos, evitando o manuseio dos originais e a continuidade da catalogação do acervo textual e tridimensional, paralisado durante muito tempo devido à falta de profissionais. Mesmo esse ainda sendo um problema sério, acrescido, na ocasião da mudança, da dificuldade em localizar os documentos antes de sua reorganização no novo espaço, foi possível separar em salas distintas os três tipos de documentos do acervo histórico: sala de documentos textuais (que se encontram também depositados na Biblioteca do Instituto Butantan, por falta de espaço), sala da cultura material e sala de consulta, atendimento e guarda do arquivo iconográfico, facilitando, especialmente, as ações direcionadas à conservação preventiva⁸. Neste sentido, os documentos iconográficos têm passado por um processo de digitalização, sendo que este foi o caso dos Fundos dos antigos funcionários, totalizando o número de 15 e da Coleção da Escola Rural, todos já digitalizados. Nossa proposta é digitalizar a Coleção da Seção de Fotografia, responsável pela documentação fotográfica das pesquisas realizadas pelas outras seções de pesquisa e produção do Instituto Butantan, composta de imagens feitas na década de 40 até o primeiro semestre de 2009. Além disso é preciso pensar em projeto que vise à preservação dos documentos mais consultados, garantindo e evitando a deteriorização resultante da consulta. Este é o caso dos Relatórios Anuais, documentos de imenso valor para a história da Instituição. Outra ação direcionada à preservação do acervo está voltada ao arquivo áudio-visual, que foi transferido para a Cinemateca Brasileira, fiel depositária dos filmes produzidos pelo e para o Instituto Butantan. A transferência dos filmes antigos (com exceção dos VHS, que ainda se encontram na Casa Vital Brazil e já estão

⁸ Conservação preventiva diz respeito a toda ação que procura evitar o envelhecimento precoce de qualquer item de acervo, aumentando sua vida útil e economizando gastos com restaurações, que em alguns casos tornam-se inevitáveis. (Drumond, 2006).

catalogados) foi uma decisão feita em comum acordo entre Museu Histórico, Divisão de Desenvolvimento Cultural e Laboratório Especial de História da Ciência e que tem por objetivo desvendar o conteúdo de cada uma dos filmes, o que era impossível sem o tratamento de um profissional especializado.

No entanto, a principal transformação diz respeito à criação de uma estrutura organizada que permite ao usuário e ao monitor o desenvolvimento de pesquisas voltadas para as mais diversas áreas da história da ciência e da museologia.

Este ambiente criado em torno do espaço onde hoje está depositado o acervo é fruto da relação direta entre a pesquisa e a prática, mas é também resultado da escolha de uma equipe cujas características e formação determinaram as estratégias de atuação do Museu após o segundo semestre de 2007. Todos os monitores, quando contratados, são consultados sobre a disponibilidade e o interesse em exercer atividades educativas e investigativas, levando-os a refletir sobre qual o interesse em se vincular no Museu Histórico e suas perspectivas futuras. Para isso são contratados estudantes ou recém formados em História que tenham interesse em se aprofundar em alguns dos temas relacionados à história institucional, tornando-os pesquisadores em potencial, comprometidos com as propostas que eles próprios estão desenvolvendo e com perspectiva em fazer desta experiência projetos de pesquisa em iniciação ou pós-graduação. No decorrer destes três anos de monitoria no Museu Histórico, dois monitores se engajaram em pesquisas que resultaram em projetos de mestrado: Aline Solosando desenvolve pesquisa baseada nos boletins de acidentes ofídicos com orientação da Profa. Esmeralda Blanco B. de Moura (FFLCH/USP) e em parceria com o Laboratório Especial de História da Ciência e Priscila de Almeida Xavier desenvolve pesquisa com o acervo audio-visual do Instituto Butantan, depositado na Cinemateca Brasileira com orientação de Eduardo Victorio Morettin (ECA/USP).

Como resultado do Plano Museológico para a área de patrimônio e seguindo nosso planejamento que pretende refinar a ca-

talogação, nosso objetivo é dotar o acervo de obras de referência, compostas por fundos e coleções para a edição de catálogos e guias sobre o acervo. Já é possível fazer isso, especialmente com os Fundos de imagens de antigos funcionários, das Coleções Iconográficas da Escola Rural e de Gastão Rosenfeld, objetos de pesquisa com trabalhos já publicados. Mas, além da iconografia é possível também organizar catálogos das balanças e microscópios e de seus respectivos apêndices, todos já devidamente inventariados.

Finalmente lembramos que a acessibilidade também diz respeito ao empréstimo, doação e incorporação de novos documentos. As incorporações de documentos institucionais e doações de coleções particulares têm acontecido com muita frequência. Em especial as doações por servidores ainda em atividade são interessantes, pois estão associadas à confiança depositada no Museu, já que em sua maioria são objetos que não tinham mais utilidade, mas que eram guardados para que não se perdessem.

Várias destas coleções ainda se encontram nos laboratórios de pesquisa e produção e não é interesse do Museu ter a sua guarda imediata, salvo nos casos em que o próprio doador procura o Museu Histórico. Isto por que os documentos só devem ser incorporados ao acervo se forem avaliados em sua relevância, evitando o acúmulo indiscriminado e ilimitado que nem sempre tem importância para a comunidade científica. Mesmo sabendo que qualquer parâmetro de relevância não é único e muito menos imutável, a consulta a diferentes profissionais da instituição é a forma que o Museu tem para mensurar sua importância na comunidade. Mesmo assim, o Museu Histórico não promove nenhum tipo de avaliação dos documentos que são doados institucionalmente, devido à ausência de qualquer prática neste sentido. Seria necessário criar um grupo com membros internos e externos ao Museu e uma política institucional de acervos que incluísse os outros acervos científicos da Instituição, promovendo ações conjuntas de avaliação sistemática de seu patrimônio total. No entanto, em alguns casos, avaliamos a necessidade ou não de determinadas incorporações, levantando algumas questões que nem sempre são observadas, como os cuida-

dos na salvaguarda dos itens a serem incorporados, o transporte e a interferência de agentes climáticos, biológicos e químicos, além da avaliação sobre o espaço físico.

Apesar de todas estas questões técnicas, doações e incorporações são relevantes no que dizem respeito ao envolvimento com o Museu, abrindo a possibilidade da realização de trabalhos em parceria e garantindo o diálogo pautado em outras experiências. Em conjunto com o Laboratório de História da Ciência, esta é uma linha que deve render algumas parcerias em um futuro próximo, já que o Laboratório e o Museu têm desenvolvido pesquisas relacionadas ao levantamento da documentação textual e material referente à produção e ao Centro de Biotecnologia do Butantan. A fim de fortalecer estas parcerias, os monitores estão sendo orientados a se envolverem na busca e catalogação de documentos referentes à história da renovação pelo qual a produção do Butantan passou a partir da década de 80 através de uma perspectiva histórica crítica e contextualizada.

Os empréstimos também são extremamente relevantes, já que, como nos referimos anteriormente, uma boa parte do acervo é consultado pela própria comunidade interna. A solicitação por empréstimo é rara e se restringem a algumas coleções de documentos encadernados e encaixotados por ordem numérica. Apesar de não evitar tais práticas, é necessário controlar com maior segurança a saída e a devolução dos documentos, impedindo extravios, perdas e furtos. Isso tem sido feito desde o início de 2008.

As consultas ao acervo e os empréstimos estão sendo também arrolados, pois, para a equipe, é um indicador da importância científica desse patrimônio. Nossa maior dificuldade, no entanto, diz respeito ao retorno destas pesquisas, pois não podemos restringir o acesso somente àqueles que se comprometem a enviar a pesquisa final. O acesso é garantido, mas infelizmente não temos a garantia do retorno científico que muitas vezes esse acesso proporciona. Ainda é preciso estreitar os laços profissionais entre a equipe do Museu e os usuários, demonstrando a ambos o quanto este retorno é fundamental para a Instituição. Isso acontece, sobretudo no caso dos

usuários externos. No caso dos servidores a relação estabelecida é outra. Uma das práticas mais comuns desde 2004, quando iniciamos o contato com antigos funcionários aposentados ou em vias de se aposentarem no Instituto, foi o recebimento, como empréstimo, de documentos iconográficos e textuais originais para reprodução. Com essa prática, além de organizarmos cerca de quinze novas coleções iconográficas de funcionários, foi possível identificar antigos personagens e espaços hoje demolidos ou descaracterizados da instituição. A participação destes funcionários na recuperação da memória institucional foi e está sendo extremamente valiosa por possibilitar várias outras formas de aproveitamento de um conhecimento que raramente é registrado. Para isso, temos também, um pequeno conjunto de depoimentos registrados nos mais variados suportes multimídias, fruto de conversas informais, seminários e entrevistas. Apesar de não conseguirmos tornar esta prática sistemática, principalmente em função das dificuldades inerentes a História Oral, este pequeno arquivo faz parte da tentativa em registrar e catalogar tipos diferentes de documentações históricas.

III. A organização do acervo: fontes de pesquisa

A catalogação e a indexação são formas de recuperar informações através de uma metodologia que torne possível encontrá-las sempre quando preciso. Se anteriormente os sistemas de catalogação eram julgados como processos técnicos, hoje não são mais, visto que não se resumem as compilações e tipologias, mas a um processo contínuo em que os profissionais envolvidos devem estabelecer critérios bem definidos de consulta cujo objetivo é transformar o documento em fonte de pesquisa (Cândido, 2006).

O acervo histórico do Instituto Butantan é único, representa as atividades administrativas, de divulgação, pesquisa e produção da instituição. Portanto é impossível estabelecer critérios inteligentes e eficientes para sua catalogação sem a participação dos profissionais destas três áreas a que o acervo diz respeito, o que tem sido feito por intermédio de consultas aos pesquisadores dos laboratórios de pesquisa e produção do Instituto. No geral estas consultas precisam es-

tar acompanhadas de reuniões ou apresentações sobre a utilização, no caso dos objetos, ou outras considerações relevantes no caso de imagens, textos ou conceitos que precisam ser compreendidos. Sem isso a equipe não teria condição de comunicar de forma correta qual a importância do documento para a história da instituição, ou mesmo determinar sua relevância para a pesquisa científica a que se propõem. Além disso, claro, é imperativo também a participação de profissionais qualificados na área de arquivo, o que quase sempre é um ideal longe de ser realidade. No caso do Museu Histórico tivemos a oportunidade de, em 2004, trabalhar com a empresa de documentação “Memória e Identidade”⁹, que na figura de Cristina Borrego nos assessorou sobre a melhor forma de catalogar a documentação textual. Sua participação foi decisiva na orientação sobre os princípios básicos da catalogação arquivística, fazendo com que a nossa preocupação em levantar e registrar informações históricas não passasse por cima do princípio da acessibilidade da informação. Por isso, desde o início os documentos textuais, tridimensionais e iconográficos foram objetos de exaustivas discussões para a de métodos eficientemente claros e uniformes de registro dos dados levantados: desenvolvemos um vocabulário controlado para orientar a catalogação de cada item do acervo e garantir o resgate da informação desejada após indexação, definimos os campos de informações técnicas e resultantes da pesquisa para cada tipo de documento e ordenamos os princípios de prevenção com medidas de segurança e manutenção deste sistema de catalogação.

Ao final de seis meses os grupos de atuação foram definidos e elaboradas fichas de catalogação para cada um dos três documentos abordados. As seguintes etapas foram respeitadas no ato de inventariar: identificação dos documentos (tipo, número de registro geral e original, procedência, doação), análise (dados históricos, descrição, marcas de uso e da procedência, características estilísticas e

⁹ A “Memória e Identidade”, especializada em pesquisa histórica, museologia e arquivística, desenvolveu atividade de supervisão técnica no Instituto Butantan de novembro de 2004 a fevereiro de 2005, com recurso do Projeto de Pesquisa e Preservação da Memória Científica e Tecnológica do Instituto Butantan (Edital CNPq).

técnicas) e estado de conservação (estado de conservação e possíveis intervenções). Em alguns casos (iconografia e objetos tridimensionais) foi possível fazer à reprodução digitalizada, fotográfica ou o desenho do documento.

Atualmente o Museu entra em uma nova etapa de catalogação de seu acervo no que diz respeito à sistemática de trabalho. Como depende da estabilidade de sua equipe, de condições adequadas de trabalho e de motivação no que diz respeito ao envolvimento da própria instituição sobre os destinos dos documentos históricos. Em 2007 nossa principal preocupação era reorganizar todos os documentos do acervo que foram transferidos para a Casa Vital Brazil. Em 2008 é incorporado ao Museu novo grupo de monitores, que também atuam como pesquisadores, para avançar na catalogação dos documentos, até o momento em que a manutenção se torne nossa única preocupação. Só então podemos garantir a segurança e a disponibilidade total para ações de pesquisa e comunicação, redimensionando o seu papel e tirando-os do anonimato dentro do Museu e da Instituição.

Atualmente este processo parece-nos significativo. A partir da mudança para a Casa Vital Brazil os monitores passaram a ter mais contato com o acervo, encarando-o de fato como objeto central na comunicação com o público, por meio de atividades diversas e exposições temporárias. Este contato motivou também discussões sobre a monitoria e as possibilidades de intervenção na exposição de longa duração. Como resultado, esse momento mescla os objetivos meio e fim da pesquisa: inventariar os documentos e incrementar a pesquisa, também no que diz respeito aos processos metodológicos adotados. Essa é uma realidade que não nasceu somente do amadurecimento de nossa prática, mas também da necessidade em estabelecer novas abordagens com o público.

É preciso destacar a participação de todos os profissionais envolvidos e colaboradores de outros laboratórios que assumiram a responsabilidade de se reunir semanalmente para discutir as propostas de atuação do Museu. Nestas reuniões, além das discussões sobre as problemáticas práticas, são também definidas as linhas

metodológicas e a inserção de todos nas ações de comunicação, incluindo a divulgação, ensino e pesquisa. Ainda assim a monitoria é nosso maior desafio. É com base nessa experiência que todas nossas propostas se fundamentam, pois nos colocamos na posição de promover debates com o público e não para o público (Guarnieri, 1983). As ações desenvolvidas a partir daí tem por finalidade incluir público, funcionários e monitores em ações que exigem uma participação mais ativa, encarando a todos não como observadores, mas como agentes criadores.

Com o tempo a intenção em não caracterizar o Museu só como um espaço de exposições temporárias, orientou a escolha das atividades desenvolvidas e a abordagem de comunicação. Neste sentido o Museu promoveu parcerias internas e intercâmbios com outras instituições, procurando manter uma agenda de ações educativas coerentes com a proposta das pesquisas em desenvolvimento e atraentes para o público visitante. Recentemente temos incorporado, com sucesso, às atividades de ensino do Museu, propostas institucionais. Vinculando as atividades a um programa mais amplo de interesse geral e mobilizando a todos, inclusive os visitantes que passam a entender o Museu como parte integrante de um projeto único.

No primeiro semestre de 2008 priorizamos o público escolar, pois são os professores e alunos que mais tem respondido positivamente ao modelo de comunicação museológica proposto, para o qual o que interessa não é a transmissão de uma informação, mas a transmissão em si (Cury, 2005). No caso de museus de história este modelo atinge dimensões bastante complexas, devido à natureza da disciplina e o conjunto de regras próprias que regem a transmissão do conhecimento histórico. No entanto, a bibliografia a este respeito é relativamente farta e tanto os trabalhos clássicos de Meneses sobre a relação entre museus, memória e cultura material, quanto a visão de Van-Praët sobre a tecnologia da comunicação expositiva, são referenciais teóricos esclarecedores. Para Van-Praët (Koptcke & Massarani, 2005) a relação do público com a exposição é uma negociação que envolve o tempo, o espaço e o objeto, distanciando os museus históricos das

particularidades da história, e envolvendo-os nas discussões sobre a sensibilização nos espaços de investigação científica.

Por ser um museu de história, mas de história da ciência, o Museu Histórico do Instituto Butantan é cobrado por desenvolver relação própria nas atividades de produção e reprodução da ciência, como é o caso de outros museus de ciências (Delicado, 2008). A investigação, nesses museus, abrange práticas programáticas ou aplicadas e pesquisas de conhecimento ou de público. Não importa desde que o resultado da investigação faça parte da proposta do museu e que o público e os funcionários participem da produção deste conhecimento. Neste caso, o museu não estaria investigando nenhuma área disciplinar delimitada, nem mesmo nenhum tipo patrimônio específico, mas a própria história da ciência, colocando-a no centro do campo científico do museu (Gil, 1993).

Esta reflexão atinge dimensões distintas na exposição. É uma postura que reflete escolhas e discrimina os domínios de pesquisa dos museus. Estes domínios, ligados à produção do conhecimento, fazem parte das pesquisas direcionadas à missão e análise dos museus, e na dimensão mediática de seu acervo e de sua exposição (Danvallon, 1995).

Procurando ser o mais fiel possível ao seu empenho em discutir com o público qual a melhor forma de expor este conhecimento, o Museu recentemente se envolveu na elaboração de um projeto direcionado na reestruturação de sua exposição de longa duração. A elaboração de novas formas de comunicação, além da monitoria, vem de encontro ao que à monitoria tem discutido com o público no sentido de refletir sobre história da ciência no Instituto Butantan. Este projeto elaborado com a intenção em não minimizar a história na construção deste conhecimento científico, é também um projeto que visa responder às questões que diariamente são colocadas pelos visitantes, tornando-se objeto de nossas reflexões. Por isso, a história da ciência e a história institucional, sempre presente no imaginário dos visitantes, são elementos fundamentais para a construção desta identidade que procu-

ramos. Os projetos de pesquisa de cada monitor são respostas a estas indagações, pois os transportam às discussões mais atuais. A relevância de seus trabalhos é uma preocupação que eles têm como profissionais dedicados a transmissão e divulgação de um conhecimento que eles próprios estão construindo em parceria com o público visitante do Museu e usuário do acervo.

Por fim, encerramos reafirmando que as pesquisas em andamento nada mais são do que esta busca da identidade, como ponto de partida da revitalização do Museu Histórico. Por isso grande parte desta avaliação girou em torno de um mesmo eixo: a vinculação do Museu ao Instituto Butantan, seja através de sua identidade histórico-cultural, seja por meio da memória da comunidade interna, mas, principalmente através de sua atual postura afirmativa frente à pesquisa científica em histórica.

Agradecimento

Agradeço a todos os funcionários e monitores do Museu Histórico pelo esforço e dedicação em tornar o Plano Museológico viável. Aos colaboradores dos Laboratórios de Herpetologia e Especial de História da Ciência pelas contribuições.

Referências bibliográficas

- Bucaille, R. & Pesez, J-M., Cultura material, In: Romano, R. (Dir.), *Enciclopédia Einauldi*, Lisboa: Imprensa Oficial / Casa da Moeda, 1993, volume 16.
- Cândido, M.I. Documentação Museológica, *Caderno de diretrizes museológicas I*, Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência e Museus, 2006, 2ª. Edição, p. 33 – 92.
- Canter, H.M., Museu Histórico: origem e memória, *Cadernos de História da Ciência – I Ciclo de Seminários – História e Memória Institucional*, 2005, volume 1, número 1, p. 63 – 81.
- Chagas, M.de S., O objeto de pesquisa no caso dos museus, *Ciência em Museus*, 1990, volume 2, p. 41-45.

- Cury, M.X., Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus, *História, Ciências, Saúde –Manguinhos*, 2005, Rio de Janeiro, volume 12.
- Danvallon, J., Introduction: musées et muséologie, In: *Musées et recherche*. 1995, Paris, OCIM, p. 245-256.
- Delicato, A., Produção e reprodução da ciência nos museus portugueses. *Análise Social*, 2008, volume XLIII, p. 55-77.
- Drumond, M.C. de P. Prevenção e conservação em museus, *Caderno de diretrizes museológicas I*, Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência e Museus, 2006, 2ª. Edição, p. 107 – 133.
- Fernandes, S.C.G., As impressões sobre o Museu Histórico do Instituto Butantan - São Paulo, Brasil. Avaliação da exposição, *Memórias do Instituto Butantan*, 2005, VI Reunião Científica Anual do Institut Butantan, São Paulo, Secretaria do Estado da Saúde, Volume 61, Resumo, p. 142.
- Gil, F.B., Museus de ciência e técnica, In: ROCHA-TRINDADE, M.B. (ed.), *Iniciação à museologia*, 1993, Lisboa, Universidade Aberta, pp. 245-256.
- Guarnieri, W.R.C., *Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio e a preservação*, 1983, São Paulo.
- Kopcke, L.S. & Masarani, L., Três olhares de além mar: o museu como espaço de divulgação da ciência, *História, Ciência e Saúde*, 2005, volume 12 (Suplemento), p. 349 – 364.
- Julião, L. Pesquisa Histórica no Museu, *Caderno de diretrizes museológicas I*, Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência e Museus, 2006, 2ª. Edição, p. 93 – 105
- Meneses, U.T. B. de, A cultura material no estudo das sociedades antigas, *Revista de História*, 1983, número 15.
- Meneses, U.T. B. de, A problemática da Identidade Cultural nos Museus: de Objeto (de ação) a Objeto (de Conhecimento), *Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material*, 1993, Universidade de São Paulo, Nova Série, Número 1, p.207 - 222.

Ramos, F.R.L., *A danação do objeto. O museu no ensino de história.* 2004, Editora Universitária Argos, Chapecó.

RESOURCE: THE COUNCIL FOR MUSEUMS, ARCHIVE AND LIBRARIES, 2005, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: (Fundação) Vitae, Série Museologia.